

O reencontro entre a Águia e o Condor



Por **LEONARDO BOFF***

Ainda voaremos juntos, a Águia do Norte com o Condor do Sul sob a luz benfazeja do Sol que nos mostrará o melhor caminho

O planeta Terra devido à sistemática agressão nos últimos séculos está num franco e perigoso declínio. A intrusão do Covid-19 afetando diretamente todo o planeta e exclusivamente a espécie humana é um entre os severos sinais de que a Terra viva nos está enviando: nosso modo de vida é demasiadamente destrutivo levando à morte a milhões de seres humanos e a seres da natureza. Temos que mudar nosso modo produzir, de consumir e de morar na única Casa Comum, caso contrário podemos conhecer um *armagedon* ecológico-social.

Curiosamente, na contramão desse processo que alguns o veem como a inauguração de uma nova era geológica - o antropoceno e o necroceno - quer dizer, a sistemática destruição de vidas perpetradas pelo próprio ser humano, irrompem os povos originários, portadores de uma nova consciência e de uma vitalidade, reprimida por séculos. Estão se refazendo biologicamente e surgindo como sujeitos históricos. Sua maneira de se relacionar amigavelmente com a natureza e a Mãe Terra fazem-se nossos mestres e doutores. Sentem-se tão unidos a estas realidades que defendendo-as estão se defendendo a si próprios.

Foi grande o equívoco dos invasores europeus de chamá-los de "indios" como se fossem habitantes de uma região da Índia que todos buscavam. Eles, na verdade, se chamavam por vários nomes: Tawantinsuyo, Anahuac, Pindorama entre outros. Prevaleceu o nome de **Abya Yala** dada pelo povo **Kuna** do norte da Colômbia e do Panamá que significava "terra madura, terra viva, terra que floresce". Eram povos com seus nomes como taínos, tikunas, zapotecas, astecas, maias, olmecas, toltecas, mexicas, aimaras, incas, quíchua, tapajós, tupis, guaranis, mapuches e centenas de outros. A adoção de nome comum **Abya Yala** faz parte da construção de uma identidade comum, na diversidade de suas culturas e expressão das articulações que os unem num imenso movimento que vai do norte ao sul do continente americano. Em 2007 criaram a Cúpula dos Povos de Abya Yala.

Mas sobre eles pesa uma vasta sombra que foi o extermínio infligido pelos invasores europeus. Ocorreu um dos maiores genocídios da história. Foram mortos por guerras de extermínio ou por doenças trazidas pelos brancos contra as quais não possuíam imunidade, por trabalhos forçados e mestiçagem forçada, cerca de 70 milhões de representantes destes povos. Os dados mais seguros foram levantados pela socióloga e educadora Moema Viezzer e pelo sociólogo e historiador canadense radicado no Brasil Marcelo Grondin. O livro, impressionante, com prefácio de Ailton Krenak leva como título **Abya Yala: genocídio, resistência e sobrevivência dos povos originários das Américas** (Editora Bambu, Rio de Janeiro 2021). Recolhem os dados do genocídio das duas Américas.

Damos um pequeno resumo: "No Caribe em 1492 quando chegaram os colonizadores, havia quatro milhões de indígenas. Anos após não havia mais nenhum. Todos foram mortos especialmente no Haiti. No México em 1500 havia 25 milhões de indígenas (Astecas, toltecas e outros) depois de 70 anos restaram apenas dois milhões. Nos Andes existiam em 1532 15 milhões de indígenas, em poucos anos restou apenas um milhão. Na América Central em 1492 na Guatemala, Honduras, Belize, Nicarágua, El Salvador, Costa Rica e Panamá havia entre 5,6-13 milhões de indígenas, dos quais 90% foram

a terra é redonda

mortos".

"Na Argentina, no Chile, na Colômbia e no Paraguai morreram em média, em alguns países mais em outros menos, cerca de cerca de um milhão de indígenas. Nas Antilhas menores como nas Bahamas, Barbados, Curaçao, Granada, Guadalupe, Trinidad- Tobago e Ilhas Virgens conheceram o mesmo extermínio quase total".

"No Brasil quando os portugueses aportaram nestas terras, havia cerca de 6 milhões de povos originários de dezenas de etnias com suas línguas. O desencontro violento os reduziu a menos de um milhão. Hoje, infelizmente, devido ao descuido por parte das autoridades, esse processo de morte continua, vítimas do coronavírus. Um sábio da nação yanomami, o pajé Davi Kopenawa Yanomamy relata no livro **A Queda do Céu** o que os xamãs de seu povo estão entrevendo: a corrida da humanidade está rumando na direção de seu fim".

"Nos Estados Unidos da América viviam em 1607 cerca de 18 milhões de povos originários e tempos depois sobreviveram apenas dois milhões.

No Canadá havia em 1492 dois milhões de habitantes originários e em 1933 se contavam apenas 120 mil".

O livro não narra apenas a incomensurável tragédia, mas especialmente as resistências e modernamente as várias cúpulas organizadas entre esses povos originários, do sul e do norte das Américas. Com isso se reforçarem mutuamente, resgatam a sabedoria ancestral dos xamãs, as tradições e as memórias.

Uma lenda-profecia expressa o reencontro desses povos: aquela entre a Águia, representando a América do Norte e o Condor a América do Sul. Ambos foram gerados pelo Sol e pela Lua. Viviam felizes voando juntos. Mas o destino os separou. A Águia dominou os espaços e quase levou ao extermínio o Condor.

No entanto, quis esse mesmo destino que a partir da década de 1990, ao se iniciarem as grandes cúpulas entre os distintos povos originários, do sul e do norte, o Condor e a Águia se reencontraram e começaram a voar juntos. Do amor de ambos, nasceu o **Quetzal** da América Central, uma das mais belas aves da natureza, ave da cosmovisão maia que expressa a união do coração com a mente, da arte com a ciência, do masculino com o feminino. É o começo do novo tempo, da grande reconciliação dos seres humanos entre si, como irmãos e irmãs, cuidadores na natureza, unidos por um mesmo coração pulsante e habitando na mesma e generosa Pachamama, a Mãe Terra.

Quem sabe, no meio das tribulações do tempo presente em que nossa cultura encontrou seus limites intransponíveis e se sente urgida a mudar de rumo, esta profecia possa ser a antecipação de um fim bom para todos nós. Ainda voaremos juntos, a Águia do Norte com o Condor do Sul sob a luz benfazeja do Sol que nos mostrará o melhor caminho.

***Leonardo Boff** é ecoteólogo e filósofo. Autor, entre outros livros, de *O Casamento entre o Céu e a Terra: contos dos povos indígenas do Brasil* (Mar de Ideias).